

Às vezes a negação é escolha

Presidência

Getulio Bittencourt

A primeira eleição presidencial brasileira em quase três décadas tem algumas semelhanças



marcantes com a última. A premissa de que Fernando Collor de Mello e Jânio Quadros ocupam o mesmo lugar no espaço parece confirmada pela desistência de Jânio, devido ao enorme crescimento da candidatura do ex-governador de Alagoas.

Jânio tinha 42 anos quando venceu em 1960, Collor terá 40 se vencer em novembro. Ambos concorrem por vários pequenos partidos, dizendo-se desencantados com os políticos e suas agremiações. Ambos usaram a bandeira da moralidade administrativa. Ambos se portaram de maneira radical na campanha, embora com ênfase invertida: Jânio se mostrava ele próprio como um radical, Collor é radicalmente contra os outros.

Além disso, ambos cresceram na onda de radicalização do eleitorado. No caso de Jânio, a radicalização veio com o preço do desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek na última metade da década de 50. Para crescer rápido, fazer 50 anos em 5 como prometera, JK parece ter deteriorado duas coisas. A primeira foi o valor da moeda com a inflação, devido ao investimento para construir Brasília e a estrada Belém-Brasília. A segunda foi a imagem dos políticos. As acusações de corrupção generalizada desgastaram

os políticos na imagem popular. Alguns políticos da UDN na época, como Raphael de Almeida Magalhães, mais tarde se arrependeriam de acusações injustas que fizeram. Ele acreditava, por exemplo, que José Maria Alkmin, presidente do Banco do Brasil e ministro do governo Kubitschek, era o maior ladrão da História do Brasil. E no entanto Alkmin morreu pobre, enterrado pela Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte.

Mas em política não basta ser honesto, é preciso parecer honesto, e a imprensa brasileira refletia então, como agora, a impressão de que os políticos basicamente não são honestos. Nesse campo minado, Jânio assumiu a presidência sem base parlamentar, renunciou e lançou o País na crise que levaria ao sistema parlamentarista de governo e depois ao golpe militar de 1964.

A promessa de reforma radical de Jânio empolgou a população, e o discurso muito semelhante de Collor de Mello reproduz o êxito agora.

Diz o filósofo George Santayana que quem não conhece a História está condenado a repeti-la. Se o Brasil tiver que assistir ao mesmo filme outra vez, este parece ser o momento adequado para se alterar o roteiro. Da parte de Collor porque, quanto mais ele atacar os políticos, menos eles estarão dispostos a apoiá-lo. Da parte das elites porque, quando elas inviabilizam um presidente, há sempre um soldado a postos.

Getúlio Bittencourt é correspondente deste jornal em Nova York.